

Leandro Pasini

Prismas Modernistas

**A Lógica dos Grupos e
o Modernismo Brasileiro**



**EDITORA
UNIFESP**

O ano é de efeméride da Semana de Arte Moderna, o que atrai todo tipo de reflexão. Nenhum movimento cultural escapa de bem-vindas revisões com o passar dos anos, ainda mais um século, e precisa ser iluminado por vários novos ângulos. No caso dos modernistas de 1922, o fogo tem sido cerrado. As acusações são várias e vão do “paulistocêntrico”, passando pelo seu elitismo e desembocando em nacionalismo e apropriação cultural etc. Haverá quem diga que se trata de carma, algo de que os beletristas da virada do século XIX para o XX estariam rindo.

Esse é e não é o caso de *Prismas Modernistas: A Lógica dos Grupos e o Modernismo Brasileiro*, de Leandro Pasini. Pesquisador de longa data do movimento, Pasini não caiu de paraquedas sobre o assunto, aproveitando o oba-oba da comemoração. O que logo salta aos olhos é sua perspectiva formativa (ao mesmo tempo modo de organização da história literária e instrumento de leitura dos grupos modernistas) que manda verificar criticamente a tradição à luz do presente, fazendo um balanço das contradições e ressaltando o que ainda está vivo. A postura é corajosa sob diversos ângulos. Do ponto de vista da tradição a que se filia, recupera o potencial mobilizador do movimento, que andava em baixa desde as intervenções críticas de Roberto Schwarz. Do ponto de vista do espírito do tempo, não faz dos modernistas o bode expiatório do momento.

O que emerge é uma história literária complexa e inusitada. A começar pelo caráter provinciano de São Paulo, donde vem, para os sujeitos imersos na história, a insólita capacidade de irradiação da estética moderna, o que até então era primazia do Rio de Janeiro, então capital do país. O resultado é a imagem de um modernismo descentralizado, que chega às e dialoga com as mais diversas regiões do país, cujas especificidades locais são respeitadas. Monta-se uma cadeia heterogênea de determinações, das quais saem reformuladas a estética internacional, os eixos de dinamização da vida cultural do país e as singularidades regionais.

Há quem gostaria que a Semana de 1922 não tivesse acontecido e se desdobrado, como se daí pudesse ter derivado uma cultura brasileira mais inclusiva. Não foi o caso. O movimento existiu para além da Semana e dá o que pensar, que é o que *Primas Modernistas* nos oferece: uma visão crítica — no sentido forte da palavra — das diversas redes de consagração e legitimação de uma estética nova com lastro nacional e mediação local.

RODRIGO SOARES DE CERQUEIRA
Professor de Literatura Brasileira – Unifesp/Guarulhos

LEANDRO PASINI é professor de literatura brasileira na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). É autor do livro *A Apreensão do Desconcerto: Subjetividade e Nação na Poesia de Mário de Andrade* (2013).

PRISMAS MODERNISTAS

© Editora Unifesp 2022



Universidade Federal de São Paulo

Reitor

Nelson Sass

Vice-reitora

Raiane Patrícia Severino Assumpção



Editora Unifesp

Diretora

Cynthia Andersen Sarti

Conselho Editorial

Cynthia Andersen Sarti (presidente)

André Medina Carone

Bruno Feitler

Esther Solano

Francisco Foot Hardman

Gabriel Cohn

José Castilho Marques Neto

Letícia SquEFF

Mauro Aquiles La Scalea

Paulo Schor

Valéria Petri



Fundação de Apoio à

Universidade Federal de São Paulo

Diretora Presidente

Maria José da Silva Fernandes

Conselho de Administração

Flávio Tayra

Superintendente de Publicações

José Leovigildo de Melo Coelho Filho

Cynthia Andersen Sarti

Leandro Pasini

Prismas Modernistas:

A Lógica dos Grupos e
o Modernismo Brasileiro



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Pasini, Leandro.

Prismas modernistas : a lógica dos grupos e o modernismo brasileiro / Leandro

Pasini. – São Paulo : Editora Unifesp, 2022.

264 p. ; 14 x 21 cm.

ISBN 978-65-5632-137-0

1. Modernismo (Literatura). 2. Literatura moderna – História e Crítica – Séc. xx.
3. Poesia brasileira – Séc. xx. 4. Escritores brasileiros. I. Título.

CDD 869.09

Elaborado por Cristiane de Melo Shirayama – CRB 8/7610

Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp)

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da Fapesp.

Editora associada à  Associação Brasileira das Editoras Universitárias

Direitos em língua portuguesa reservados à

EDITORA UNIFESP

Rua Sena Madureira, 1500, 5º andar – Vila Clementino

04021-001 – São Paulo – SP – Brasil

(11) 5576 4848, ramal 8393

www.editoraunifesp.com.br



@EditoraUnifesp



@EditoraUnifesp



@editoraunifesp

Impresso no Brasil 2022

Foi feito o depósito legal

© Editora Unifesp 2022

*para Lili,
qui rêve et voit clair.*

Sumário

Agradecimentos.....	11
1. Descentralização Literária e a Lógica dos Grupos: A Poesia Modernista Brasileira na Década de 1920.....	13
Grupos.....	23
Descentralização Literária.....	29
Os Espaços do Poema.....	34
Temporalidade e Acumulação Literária.....	37
Linguagem Poética.....	42
Crítica, Teoria Literária, Institucionalização.....	46
Modernismo Brasileiro e Modernismos Globais.....	50
2. Daisy, Oswald e o Processo Erosivo do Modernismo Brasileiro... 55	
O Perfeito Cozinheiro das Almas deste Mundo.....	55
Daisy e o Tempo Modernista.....	58
Os Escritos de Daisy.....	72
Lendo Oswald via Daisy.....	76
3. A Semana de 22 e a Poesia: Contradições e Desdobramentos 81	
Simbolismo e Bandeirantismo em Agenor Barbosa.....	87
Tácito de Almeida (Carlos Alberto de Araújo): Câmara Ardente do Penumbismo.....	89
Luís Aranha: Cotidiano Paulista e Associacionismo Acelerado.....	94
O Hibridismo Experimental de Mário de Andrade.....	97
4. O Prisma dos Grupos: A Difusão Nacional do Modernismo e a Poesia de Augusto Meyer.....	105

Desenvolvimento do Modernismo em São Paulo	107
Do Grupo ao Arquivo	110
Futurismo, Simbolismo, Pau-Brasil e Regionalismo	117
Grupo e Obra: O Modernismo Gaúcho e a Poesia de Augusto Meyer ...	120
5. O Poema Fora do Livro: Joaquim Inojosa, Manuel Bandeira e Benedito Monteiro no Modernismo Pernambucano	129
A Poética Ardente de Inojosa e Suas Contradições	132
“Evocação do Recife”: Os Caminhos de um Poema	137
Benedito Monteiro: O Extravio de um Poeta	142
Conclusão: “Poema dos Números” (ou “Poema Numérico”)	148
6. Uma Originalidade Dispersiva: Prudente de Moraes, Neto, e a (Des)Articulação do Modernismo no Rio de Janeiro	151
Modernismo e Modernidade no Rio de Janeiro	151
Prudente Crítico: Anticonvencionalismo e Experimentação	158
Prudente Poeta: Inconsciente e Nacionalismo Literário	164
Experimentação e Trabalho de Grupo	170
7. Vetores da História Literária: O Grupo Baiano de Arco & Flexa e o Modernismo Brasileiro	173
As Linhas de Força do Modernismo Baiano	173
Arco & Flexa	178
Vanguarda Anti-iconoclasta	183
Poesia e Poética do Tradicionismo Dinâmico	191
8. Antologia na Gaveta: Considerações sobre a Poética do Grupo Modernista de Belo Horizonte	201
Penumbrismo e Província	207
Penumbrismo e Modernismo	213
Modernismo, Província, Penumbrismo, Burocracia	220
9. A Mediação Local: Antonio Candido e a Teoria Literária do Modernismo Brasileiro	223
Antonio Candido, Clima e o Ensaio Crítico (Modernista)	224
Teoria Literária I: “Literatura e Cultura de 1900 a 1945”	232
Teoria Literária II: Formação da Literatura Brasileira	235
Modernismo como Teoria Literária	240
As Teorizações do Modernismo, as Mediações Locais e o Mapa-Múndi Modernista	243
Referências	251

© Editora Unifesp 2022

it is the new form [...] that moulds consciousness to the necessary amplitude for holding it.

Mina Loy

Agradecimentos

ESTE LIVRO CONTOU COM O SUPORTE E A AJUDA DE MUITAS pessoas desde a elaboração de seu primeiro texto, em 2013. Não poderia deixar de agradecer aos meus pais, Flávio e Hebe, pelo carinho e pelo apoio irrestrito nesses anos e em todos os anteriores. O convívio com Gislene Paradela e Leonardo Arakaki também criou um ambiente de afeto fundamental para a condução das pesquisas aqui publicadas. Os primeiros textos que viriam a compor este livro foram pensados ao longo do pós-doutorado realizado na Unicamp sob a supervisão de Fabio Durão, que, desde então, tornou-se um amigo e interlocutor constante, além de ter me ajudado muito na integração à vida acadêmica (no bom sentido).

Nessa época iniciei conversas, debates e, em seguida, amizade que permanecem até hoje com Tauan Tinti. De períodos anteriores, vêm a amizade e a interlocução sempre muito viva com Gabriela Siqueira Bittencourt e Daniel Garroux. Foi no tempo de escrita deste livro que estreitei os vínculos com amigos como Dimitri Arantes, Philippe Freitas e Renata Garcia, sempre dispostos a ajudar e a ler criticamente o que eu lhes enviava. Conte também com a energia e o apoio do grupo de estudos “Teoria Crítica Brasileira” (César Marins, Leonardo Botelho, João Victor Silva, Eliane, Rodrigo, Dimitri, Philippe) que se reuniu no Majâz, entre 2017 e 2019. Iumna Simon

foi inicialmente professora, em seguida arguidora e, hoje, amiga querida (sem deixar de ser professora e debatedora, bem entendido). Amparado em pitoresca teimosia, Rodrigo Cerqueira tem sido amigo constante com quem compartilho uma visão mais aberta sobre as obras de Candido e Schwarz e que, quero crer, está gostando cada vez mais de Modernismo. Por um tortuoso acaso, conheci Daniel Bonomo, que, nos últimos anos, compartilha comigo o gosto pela literatura e pelas opiniões próprias.

Quando este livro já estava pronto, em 2020, o grupo “Estética e Modernidade” foi iniciado, abrindo um novo ciclo de debates, discordâncias amistosas, concordâncias irreverentes e amizades com Leandro Nascimento Pereira (que vem por outros caminhos desde 2014), Carlos Moacir Vedovato Jr., Matheus Tomaz, Juliana Giannini, João Pace e Guilherme Marchesan. Em especial, nenhum agradecimento será suficiente para Eliane Paradela Arakaki, a quem este livro é dedicado, pois, em quase quatorze anos de vida conjunta entre livros, filmes e viagens, ela leu todos os textos, por vezes mais de uma vez, tornou compreensível pontos obscuros, ouviu com paciência e ternura todas as hesitações, euforias e desânimos, planos megalomânicos e frustrações cotidianas, sempre com firmeza de caráter e compreensão, além de ser, em minha vida, um sonho realizado.

1

Descentralização Literária e a Lógica dos Grupos: A Poesia Modernista Brasileira na Década de 1920¹

These group/trend/school movements are the despair of the scholar and a nuisance to an honest reader; but they do exist, they have a heart (not always easy to locate), they are born and die, and after death they often leave strong and formative memories.²

Vladimir Markov

EM 1927, PARTE SUBSTANTIVA DA MELHOR LITERATURA brasileira era publicada na revista *Verde*, de Cataguases. Em seu número 3, por exemplo, de novembro daquele ano, além da participação do próprio grupo, aí representado por poemas de Ascânio Lopes, Enrique de Resende, Camilo Soares e Rosário Fusco, constam trechos inéditos de *Macunaíma*, de Mário de Andrade, e de *Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade; Prudente de Moraes, neto, comparece com a escrita automática de “Aventura”; Ascenso Ferreira divide, com o seu poema “Camelôs”, a página com “Quadrilha”, de Carlos Drummond de Andrade; companheiros de Drummond em *A Revista*, João Alphonsus publica um conto, Emílio Moura e Pedro

1. Texto inédito.
2. “Esses movimentos de grupo/tendência/escola são o desespero do(a) pesquisador(a) e um aborrecimento para o(a) leitor(a) honesto(a); mas eles existem, possuem um coração (nem sempre fácil de localizar), eles nascem e morrem, e depois de sua morte frequentemente deixam memórias fortes e formativas” (tradução minha).

Nava, poemas. Também não faltam contribuições internacionais, pois figuram nesse volume um poema do uruguaio Ildefonso Pereda Valdés e um poema-piada de Blaise Cendrars. Cruzam-se, assim, nessas páginas, parte do Modernismo recifense da “Esquina da Lafayette” no poema de Ascenso; parte do grupo carioca de *Estética* (1924-1925), recomposto na segunda fase da *Revista do Brasil* (1926), no texto de Prudente; o movimento paulista por meio de Mário e Oswald, além de um poema de Sérgio Milliet; por fim, os principais modernistas belo-horizontinos apresentam-se em verso e prosa. Quatro focos do Modernismo brasileiro se recompõem em um quinto, o de Cataguases, que se nutre deles e lhes dá mais um espaço de atuação. Nesse sentido, a composição de um novo grupo e de um novo polo modernista não encerra apenas valor em si mesmo, mas também surge como um fator de catalisação e dinamização de outros grupos que, por sua vez, amplificam o poder de atuação do grupo que se forma.

O que sempre chamou a atenção dos próprios modernistas e da historiografia literária subsequente foi essa localização imprevista em que o Modernismo se reagrupava nos anos de 1927 e 1928: “como a Cataguases da época pôde produzir tal movimento?”³. Esse espanto, muitas vezes reiterado, aponta de um modo extremo para este fato novo trazido pelo movimento modernista na década de 1920: a articulação em nível nacional de diversos grupos locais e, por consequência, a descentralização da literatura brasileira no que concerne a um único centro dominante que monopolizasse as instâncias de difusão e consagração. Foi essa a conclusão a que, de maneira eufórica, João Alphonsus chegava ao resenhar os “poetas de Cataguases”: “o impulso não partia do centro-Rio para a periferia, mas ia de pontos periféricos para o centro!”⁴.

Se o grupo de Cataguases tornava esse processo visível de modo surpreendente, ele também permitia enxergar com nitidez as resis-

3. R. M. T. Sant’Anna, *O Movimento Modernista Verde, de Cataguases*, p. 49. Sobre o grupo de Verde, ver também: J. Branco, *Passagem para a Modernidade: Transgressões e Experimentos na Poesia de Cataguases (Década de 1920)*.
4. J. Alphonsus, “Poetas de Cataguases”, *apud* F. C. Dias, *O Movimento Modernista em Minas: Uma Interpretação Sociológica*, p. 51.

tências e as diferentes posições no interior desse mesmo processo. A revista *Verde* pode ser lida como uma espécie de momento de consumação dos valores do nacionalismo cultural do Modernismo, ao explorar profusamente os temas da infância, da observação da realidade rural e provinciana, da apreensão dos fatos da realidade em chave humorística, da recuperação positiva da história colonial e pós-Independência do Brasil. Com isso, ela proporcionava a resposta organizada de pelo menos dois grupos: o paranaense-carioca de *Festa* e o baiano de *Arco & Flexa*. Nos dois casos, a recuperação de uma linhagem espiritualista dava inflexão própria às suas posições. Por um lado, *Festa* reivindicava, sobretudo, a precedência do Simbolismo, de Cruz e Sousa e dos paranaenses da revista *Cenáculo* (1895), como um caminho para um Modernismo neossimbolista. Por outro, Carlos Chiacchio, um dos membros do grupo simbolista baiano da revista *Nova Cruzada* (1901-1910) e um dos principais articuladores de uma posição baiana diante do Modernismo, vai propor o “Tradicionalismo Dinâmico” no primeiro número da revista *Arco & Flexa* (1928), em que a solidez artística e intelectual que ele reconhecia na Bahia de então proporcionaria um Modernismo com “senso de medida” e “critério de seleção”, um “dinamismo controlado”, enfim⁵.

Em outra faixa do espectro cultural brasileiro dos anos 1920, buscou-se a princípio antepor o Regionalismo às propostas estéticas modernistas. De modo programático, foi o que ocorreu em Recife, onde Gilberto Freyre levou a cabo o Congresso Regionalista do Recife, em 1926. Contudo, a convergência tanto do Modernismo quanto do Regionalismo para o dado local criava intersecções estéticas que dissolviam, em grande medida, as divergências iniciais. Especificamente, o ponto de virada nessa relação veio com o poema

5. Expressões de C. Chiacchio, “Tradicionalismo Dinâmico”, *Arco & Flexa*, n. 1, 1928, pp. 7-8. O modo como Chiacchio concebia a posição intelectual da Bahia no contexto brasileiro pode ser lido em C. Chiacchio, “Mentalidade Bahiana”, em *Modernistas e Ultramodernistas*, pp. 105-107. Sobre a revista *Arco & Flexa*, ver I. Alves, *Arco & Flexa: Contribuição para o Estudo do Modernismo*. Sobre “Tradicionalismo Dinâmico”, ver M. V. Ferreira, *Entre a ‘Prata de Casa’ e o Espelho Estrangeiro: O Modernismo Tradicionista Dinâmico de Eugênio Gomes*.

Prismas Modernistas: A Lógica dos Grupos e o Modernismo Brasileiro busca mapear a relação entre os diversos focos do modernismo nos anos 1920, em que cada um deles reflete sobre si mesmo e projeta uma imagem – embora sempre e necessariamente incompleta – dos outros, criando, assim, um tipo de prisma. Como em um mapa em movimento, justapõem-se lugares específicos, compondo um circuito no qual programas estéticos e obras são debatidos e formulados, por vezes simultaneamente, em cidades como Recife, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Fortaleza, São Paulo, Salvador, Belo Horizonte, Belém e Cataguases.

ISBN 978-65-5632-137-0



9 786556 321370